

**Marcas de um discurso:
a polifonia em sentido estrito no Jornal Nacional**

*Brands of a speech:
the politics in strict sense in the National Journal*

Wilson Galvão de Freitas TEIXEIRA¹
Kenia MAIA²

Resumo

O artigo tem como objetivo analisar se a presença de inúmeras fontes, em uma série de reportagens telejornalísticas a respeito da Reforma Educacional no âmbito do nível médio proposta em 2016 pelo Governo Federal, acarreta na produção de um material discursivamente polifônico. Para compor a amostra da pesquisa, recortamos reportagens veiculadas pelo Jornal Nacional entre os meses de setembro de 2016 e fevereiro de 2017. Adotamos a abordagem proposta por Benetti (2007) a respeito do estudo de vozes e do sentido, observando a relação da escolha das fontes com a textualidade discursiva jornalística, a partir da compreensão da mídia como um dispositivo pedagógico (FISCHER, 2002). Desvendar esta arquitetura discursiva desmitificou a assertiva de que um texto com muitas fontes é, via de regra, plural.

Palavras-chave: Estudo de Vozes. Polifonia. Jornal Nacional.

Abstract

The article aims to analyze if the presence of innumerable sources, in a series of telejournalistic reports about the Educational Reform in the scope of the average level proposed in 2016 by the Federal Government, entails in the production of a discursively polyphonic material. In order to compose the research sample, we cut the reports published by Jornal Nacional between September 2016 and February 2017. We adopted the approach proposed by Benetti (2007) regarding the study of voices and sense, observing the relation of the choice of the sources with the journalistic textuality, from the understanding of the media as a pedagogical device (FISCHER, 2002). Unraveling this discursive architecture demystified the assertion that a text with many sources is, as a rule, plural.

Keywords: Voices Study. Polyphony. National Journal.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia na UFRN.
E-mail: wg8281@gmail.com

² Professora doutora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia. E-mail: kbiamiaia@gmail.com

Introdução

O Novo Ensino Médio entra em vigor em 2022. Inicialmente, atingirá os alunos do primeiro ano e em 2024 estará implantado em todas as turmas do país. A mudança aumenta a carga horária total, de 2400 horas para 3000 horas, das quais 60% destinadas para as disciplinas obrigatórias da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o restante para itinerários considerados formativos. A BNCC e a escolha dos itinerários por parte dos alunos são outras duas das principais novidades da nova legislação, aprovada sob o número 13.415/2017.

A Reforma do Ensino Médio (REM) teve sua gestação nos anos de 2016 e 2017, no governo Michel Temer (MDB). Em um contexto político instável, a imposição de um modelo educacional por meio da reforma provocou um debate marcadamente ideológico sobre a educação, no qual concepções da educação sob o viés neoliberal da educação precisavam ser naturalizadas.

Interessa-nos aqui analisar se a presença de inúmeras fontes, em uma série de reportagens veiculadas no Jornal Nacional, da Televisão Globo, na época da tramitação da proposta da Reforma, acarretou a produção de um material discursivamente polifônico que representasse a existência de múltiplas visões a respeito do tema.

Ao fazer jornalismo, o profissional precisa ter em mente a noção do compromisso social que a ação jornalística possui. Do contrário, as ideias apresentadas serão um amálgama de fatos e dados, produzindo um jornalismo débil, na medida em que prefere sensações às reflexões, o que Mouillaud (2002) define como Imprensa-Reflexo e que recebeu críticas de Genro Filho (2012) quando o autor propõe uma teoria específica para o jornalismo, cujo cerne é o reconhecimento que o fazer jornalístico é uma forma de conhecimento cristalizado no singular.

Destarte, é imperioso ao jornalista inserir, no texto, o contexto, substanciado em sólida apuração, verificação e investigação, processo no qual a escolha das fontes para determinada reportagem e os sentidos do raciocínio que estas defendem tem relevância. Trabalharemos neste artigo como a escolha de fontes e a simulação na multiplicidade de vozes consensuais no telejornal brasileiro Jornal Nacional é estratégia para encobrir a ausência de polifonia na cobertura jornalística que envolveu a divulgação a respeito da reforma do ensino médio.

Utilizaremos a Análise de Discurso Francesa como método de pesquisa de textos

jornalísticos, aplicada especificamente ao mapeamento de vozes e estudos do sentido em uma reportagem televisiva. Faremos uso dos conceitos de locutor e enunciador colocados por Benetti (2007), que por si só tem suas reflexões construídas a partir da teoria polifônica de Ducrot: o locutor é aquele que fala e que pode ser identificado como o responsável, ao menos imediatamente, pelo enunciado, enquanto o enunciador é aquele que transporta o ponto de vista a partir do qual o material jornalístico constrói sua angulação. Equilibrado é o texto estruturado sob o paradigma dialógico, com diversas perspectivas de enunciação presentes para que o jornalismo se apresente plural e representativo da diversidade social (BENETTI, 2007).

Na estruturação para a análise, recorreremos novamente à autora, dividindo as partes que constituem as reportagens em Sequências Discursivas, que passam a ser trechos recortados. Em o estudo da enunciação, frise-se, não há como emergir afirmação alguma sobre a polifonia do discurso jornalístico tomando como parâmetro a quantidade de fontes consultadas, “pois o discurso é constitutivamente dialógico, mas não necessariamente polifônico” (BENETTI, p. 249): para identificar o seu caráter polifônico ou monofônico, é preciso mapear as vozes que o contornam.

Pluralidade sinônimo de polifonia

Ao restringir enunciações presentes, abre-se espaço para a formação de um círculo vicioso no qual os jornalistas buscam sempre as mesmas fontes para as mesmas matérias que serão escritas da mesma forma por todos. É o que Bourdieu (1997) denominou de “circulação circular da informação”: os produtos jornalísticos se tornam homogêneos, com os mesmos atores sociais falando, com a mesma forma de hierarquizar as informações. Como reflexo, temos uma cobertura noticiosa inclinada para o acontecimento em detrimento de uma orientação para a problemática, que coloca a atividade jornalística como reforço da estrutura social dominante (GENRO FILHO, 2012) e propicia uma retenção do conteúdo apenas momentânea, sem ampliar o repertório do receptor. O modelo hegemônico esforça-se em incorporar essa dinâmica profissional, em uma clara orientação para a conservação dos valores estabelecidos (BOURDIEU, 1997; PEREIRA JÚNIOR, 2006).

Em outras palavras, oferece um mundo fragmentado que diz ser real (ESPÍRITO SANTO, 2007), ou seja, uma construção da realidade, porque toda seleção exclui

necessariamente as causas das causas e os efeitos dos efeitos (LUHMANN, 2005) - como diz Mouillaud (2002), na mesma medida em que informa sobre algo, a informação deixa de informar sobre alguma coisa; e produtor da realidade “por trazerem continuamente elementos novos, elencando e tematizando experiências da vida vivida [...] as quais se tornam assuntos de discussões e debates públicos e privados” (LIMA, 2008, p. 196). Conforme Motta (2002), a notícia, apesar de sua aparente simplicidade, varia entre o que é real, o que é simbólico, até o que é super simbólico, enquanto que sua “publicação cotidiana ajuda a construir as imagens culturais que edificam todas as sociedades. (idem, 2002, p.319).

O produto jornalístico deve ser entendido e interpretado como uma observação sistêmica e dinâmica do fenômeno observado, na perspectiva que abarca tensões entre diversas esferas sociais. Contudo, referencia Genro Filho (2012): o acesso das fontes aos jornalistas não é igualitário e há de toda forma um predomínio das fontes oficiais, e “a exatidão quer dizer, quase sempre, a submissão do jornalista às fontes oficiais, oficiosas ou institucionais” (idem, p. 37). Esta distorção influi, consideravelmente, nas relações entre o jornalismo e a apreensão da realidade social, pois “a predominância da mídia em relação a outras instâncias de mediação social- partidos, sindicatos, igrejas, estabelecimentos educacionais etc- é tal que estas são obrigadas a apelar recorrentemente àquela” (LEÓN, 2004, p.405).

Analizamos, através de quatro reportagens veiculadas no telejornal Jornal Nacional, da Rede Globo, entre os meses de setembro de 2016 e fevereiro de 2017 e cuja ênfase estava no teor e nos desdobramentos da reforma educacional implantada pelo Governo Federal, a multiplicidade de vozes em produtos jornalísticos televisivos e a sua relação com a polifonia. O corpus é representativo para a identificação de um tipo de discurso em um período determinado (BENETTI, 2007). A partir deste material, observar se a construção do material telejornalístico com inúmeras fontes a ilustrá-lo frutifica uma produção jornalística necessariamente polifônica.

Ademais, saliente-se que, no Brasil, o Jornal Nacional ainda é referência em termos de telejornalismo. Não estritamente pela qualidade do seu produto, mas pela abrangência territorial e aparente prestígio que mantém. Com mais de 50 anos desde a primeira veiculação, em 1969, já alcançou média de 70 pontos de audiência na década de

1980; atualmente raros são os momentos em que consegue 30 pontos³. É um produto jornalístico da Rede Globo de Televisão, empresa fundada em 1965 e que mantém relações controversas com o sistema político (SILVA, 1985; HERZ, 1986). Nasce daí o interesse em saber se, através do Estudo de Vozes, a construção de reportagens no Jornal Nacional sobre o tema Reforma Educacional no âmbito do nível médio, proposição do Governo Federal, baseou-se em construções discursivas polifônicas ou aparentemente polifônicas.

A proposta deste estudo está imersa em um contestado e tumultuado momento histórico do país. Nesse panorama, a ruptura no cenário político ficou caracterizada em um processo de impeachment que cassou o mandato da presidenta Dilma Roussef, levando o vice-presidente Michel Temer a ocupar a Presidência da República definitivamente em 31 de agosto de 2016. O polêmico tema Reforma Educacional foi apresentado menos de um mês após a assunção de Michel Temer ao cargo, atingindo mais de 7,5 milhões de estudantes matriculados no ensino médio.⁴

Importa compreender que existe uma exterioridade que não apenas repercute no texto, mas que de fato o constitui e não pode ser dele apartada. Primeiro, a proposta parte de um governo contestado por ter em seu comando um vice-presidente acusado de ser um dos mentores do processo de impeachment da presidenta Dilma Roussef. Além disso, apontado por colocar em prática um projeto de governo com ideias antagônicas ao apresentado na eleição presidencial em 2014.

Envolto nesta conjuntura, a veiculação dos materiais jornalísticos objetos da análise se dá em uma empresa de comunicação que viu minguar a sua participação financeira na publicidade federal, de 49% no final do Governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), para 36% no início do segundo mandato da presidenta Dilma Roussef (2015-2016). Entre maio e agosto de 2016⁵, período do início da presidência sob a condução de Michel Temer, as Organizações Globo aumentaram sua participação nos valores destinados à publicidade do Governo Federal em 31%, passando de quase 13 milhões em 2015 para cerca de 16 milhões em 2016. A conjunção dos fatores descritos nos dois parágrafos antecedentes, indica a inclinação e a razão para o Jornal Nacional

³ http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/o_lsqquo_jornal_nacional_rsquo_muda_o_tom/

⁴ <https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2021/01/educacao-basica-teve-47-3-milhoes-de-matriculados-em-2020>

⁵ Dados da Secretaria de Comunicação, em <http://www.secom.gov.br>

atuar como um dispositivo jornalístico-argumentativo em favor do Governo Federal.

O discurso não é ingênuo

Martín-Barbero (2004, p. 282), sublinha que “os processos de comunicação ocupam a cada dia um lugar mais estratégico em nossa sociedade, já que, com a informação-matéria-prima, situam-se até mesmo no espaço da produção e não só no da circulação”. O fazer jornalístico deve, nesta perspectiva, ser contemplado como um mosaico. Nesta defesa, Lima (2008, p. 185) argumenta que:

O jornal[...] (é um local) no qual presentificam-se múltiplas dialogias e produções de sentidos acerca dos temas noticiados, configurando-se, simultaneamente, como: veículo de transmissão de diversas vozes, oriundas de diversos lugares e com diversos posicionamentos sobre o que noticia; como ator social com voz e posicionamentos próprios sobre o mesmo; como lugar de diálogo com os leitores, co-autores ativos dos sentidos e histórias contados.

O jornalismo é um espaço de expressão que norteia mudanças culturais, pois, ao abrir espaço para discursos variados, a mídia propicia ao corpo social ter contato com visões do outro. Em seu estudo, Benites (2002, p.12) explica que “a citação ou o relato do discurso do outro – oferece material importante para o desvendamento de estratégias utilizadas pelo jornal para conseguir imprimir a aparência de objetividade e ocultar os índices de subjetividade naturalmente constitutivos do discurso”.

Ainda que Luhmann (2005) ressalte que toda escolha descontextualiza, o mesmo autor pontua que atividades recursivas, de inserção em um contexto, garantem a identidade de determinado acontecimento e a significação aos fatos. É a construção do sentido - no jornalismo, construir sentido é reduzir incertezas (PEREIRA JÚNIOR, 2006). As escolhas discursivas das inserções retratam esse contexto. Manhães (2010, p. 308) posiciona que “ao se apropriar da linguagem e construir um discurso, o sujeito deixa pegadas que nos permitem identificar sua presença e o modo como foi construindo o enunciado: os indicadores de pessoa, de lugar e de tempo, ou a voz ativa e passiva”. Ou seja, produtos jornalísticos, “como todo meio de comunicação, são mediadores de informações, além de produtores e reprodutores de padrões sociais e culturais e, como tal, influenciam a práxis social dos indivíduos” (ESPÍRITO SANTO, 2007, p. 3). Esses

sentidos são construídos através de atividades recursivas, em um discurso a) dialógico; b) polifônico; c) opaco; d) ao mesmo tempo efeito e produtor de sentidos; e) elaborado segundo condições de produção e rotinas particulares (BENETTI, 2007, p.107). Nestas perspectivas, o fato de o jornalismo ter a capacidade de validar discursos lança sobre ele um dos seus aspectos mais relevantes.

Um movimento de paráfrase

A apresentação oficial da Medida Provisória que prevê a reforma educacional no ensino médio foi precedida, desde o início de setembro de 2016, de declarações de membros do Ministério da Educação defendendo a necessidade imprescindível de uma reforma⁶, justificando a urgência com o baixo desempenho dos estudantes no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de 2015⁷, no qual o Ensino Médio é o que está em pior situação quando comparado às séries iniciais e finais do Ensino Fundamental, embora o número tomado isoladamente indique estagnação⁸.

O então ministro da Educação, Mendonça Filho, chegou a ressaltar⁹ que não há sintonia entre a realidade, os anseios dos jovens e o conteúdo ensinado para eles no ensino médio. Este último argumento levantado pelo ministro é o que estrutura a primeira reportagem¹⁰, cujo gancho foi a apresentação oficial da proposta. Bem no início da matéria, percebemos esta assertiva logo após o âncora “chamar” a matéria, quando são utilizados dois discursos iniciais cujos conteúdos remetem a um estudante, que apesar de dúvidas sobre a profissão a seguir, já sabe quais disciplinas não possui afinidade (SD1/R1¹¹) - “Murilo ainda tem dúvida do que quer ser quando crescer. Mas já sabe do

⁶<http://www.brasil.gov.br/educacao/2016/09/reforma-do-ensino-medio-e-prioridade-do-governo-diz-mendonca-filho>

⁷<http://www.brasil.gov.br/educacao/2016/10/resultado-do-enem-por-escola-expoe-necessidade-de-reforma-do-ensino-medio>

⁸http://portal.inep.gov.br/visualizar/-/asset_publisher/6AhJ/content/dados-do-ideb-2015-ja-estao-disponiveis-para-consulta

⁹ <http://www.brasil.gov.br/educacao/2016/09/reforma-do-ensino-medio-e-prioridade-do-governo-diz-mendonca-filho>

¹⁰ Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/5325542/>.

¹¹ As sequências discursivas serão sinalizadas da seguinte forma: SD seguido o número, e R seguido pelo número. SD significa sequência discursiva e R, reportagem.

que não gosta de estudar”); um aluno que afirma prestar mais atenção nas disciplinas das quais gosta (SD2/R1- “Nas matérias que eu gosto, eu presto mais atenção na aula. Só que português, nos casos a que eu não gosto, eu fico meio, não tenho tanto interesse”); e uma avó do mesmo estudante defendendo que melhores notas acontecem nas matérias que despertam mais interesse (SD3/R1- “Tudo que se aprende é válido, mas se ele focar na matéria que ele gosta, o efeito vai ser maior, ele vai tirar notas melhores”). Nas análises das ligações entre os três momentos, se observa a ocorrência da sequência do discurso indireto seguido do discurso direto. O *off* é utilizado para introduzir assunto e a declaração da fonte corrobora o que a repórter anuncia. Para dar realismo e credibilidade, a repórter tenta deixar claro ao espectador: não sou eu que estou dizendo isso, são as pessoas. Em estratégias de significações em contexto, a jornalista pinça da fala da fonte aspectos que pretende ressaltar dando outra dimensão ao discurso, dirigindo a leitura (MOTTA, 2007, p. 158).

Percebe-se, por exemplo, algo similar ao descrito por Brito (2018, p. 152) em seu estudo, no qual ela aponta que “as vozes da resistência estudantil foram substituídas por imagens de estudantes felizes, ávidos por uma ‘nova educação’ onde liberdade de escolher conhecimentos, metodologias de ensino e até mesmo locais diferenciados de aprendizagens trazia como correlato a urgência da reforma no ensino médio”. A estratégia é reforçada através da SD4/R1 (“A reforma do ensino médio está em debate desde 2010, assim como a crise na educação. Mas a gota d’água foi o resultado do IDEB: que não só confirmou a estagnação do ensino médio, como a piora dos alunos em matemática. Daí a urgência na reforma do ensino médio”), na qual a repórter utiliza estruturas lógicas para constituir intenções, sem utilizar discurso citante: no primeiro momento, infere que a crise na educação existe desde 2010, embora não apresente a origem da afirmativa; ao final, ao empregar o advérbio “urgência”, utiliza o vocábulo que embasa a medida legal, uma medida provisória (MP), um dos pontos mais contestados pela ausência de debate inerente à tramitação de toda MP. Ou seja, intenciona voz, sentido e validade ao discurso articulado pelos representantes do Governo Federal, através de uma estratégia discursiva que produza efeito de objetividade e determina os efeitos de sentidos, estes últimos envoltos em uma tentativa de sublimação através do uso do primeiro.

Esse movimento mostra a relevância de que “questionar o uso das mídias para a veiculação dos propósitos da REM talvez nos dê a entender que há mais incertezas e ocultações do que verdades, quando o trato com as políticas sociais é objeto de conversão

de responsabilidades públicas em responsabilidades privadas” (PIMENTEL, 2019, p. 1308). É uma maneira de uso da produção de sentidos para a conformação do modelo ideológico da reforma, utilizando a mídia como um dispositivo pedagógico (FISCHER, 2002), uma ferramenta oportuna e pertinente para indicar formas de aprender, de dizer e de conhecer a proposta.

Em sequências discursivas subsequentes caracterizadas tecnicamente como *off*, “arte e educação física são obrigatórias apenas na educação infantil e no ensino fundamental”, “mas o Ministério da Educação garantiu que tudo isso ainda será decidido com os governos estaduais” e “o presidente Michel Temer garantiu que não faltará recurso para o novo ensino médio”, o Jornal Nacional transporta sentidos: evita-se a utilização do vocábulo “optativo” associado à situação do tratamento dado às duas disciplinas na reforma, um dos itens mais contestados; de que o Governo Federal está aberto ao diálogo; por fim, que o presidente – e não o Governo Federal - propiciará as condições para as mudanças.

Por fim, o telejornal traz duas novas fontes, atuando como representantes da sociedade civil: as presidentes do movimento Todos Pela Educação e do Instituto Ayrton Senna, respectivamente Priscila Cruz e Viviane Senna. Ambas com discurso contemporizador, às portas de transformar-se em enaltecedor: “dá para fazer dessa situação, uma situação melhor” e “se você tem uma escola que lhe dá opções de escolha, e de fato boa qualidade no preparo, esse jovem fica”, são trechos que indicam um movimento de quase panfletarismo. Ao analisarmos o discurso presente na reportagem, conseguimos identificar a existência das camadas discursiva e ideológica, atravessadas por múltiplas vozes, uma delas a do próprio telejornal, este que podemos apontar como aquele que detém o poder de atribuir *status* de fato real, que dá eco, por assim, dizer, às vozes que nele estão, “um veículo que presentifica e dissemina falas de agentes sociais provenientes de vários lugares e tempos, e também um ator social que fala a partir de um lugar próprio” (LIMA, 2008, p. 192).

Deste primeiro material, depreende-se que o Jornal Nacional atuou como um dispositivo jornalístico-argumentativo em favor da proposta do Governo Federal. Na segunda reportagem analisada, publicada no dia seguinte¹², o tom altera-se: as vozes presentes pinçam críticas à proposta, que vão da forma de apresentação, uma medida

¹² Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/5328417/>.

provisória, e passam pelas consequências, a redução das disciplinas no currículo, ambas em sequências discursivas em off:

SD1/R2- As mudanças propostas pelo governo foram publicadas hoje no Diário Oficial. Estão em uma medida provisória, e este foi o primeiro problema apresentado pelos educadores”

SD2/R2 “Um dos pontos mais criticados foi a redução do currículo. Matemática, português e inglês são obrigatórios, mas educação física e artes, por exemplo, não aparecem como disciplinas obrigatórias. Os especialistas defendem que a educação física seja obrigatória porque é importante para a saúde do aluno”.

A exemplo da primeira reportagem, o *off* introduz o assunto e a fonte corrobora o que o repórter anuncia. Uma das fontes¹³ utiliza o termo ‘apagão’ para referir-se às escolhas presentes na proposta. Ao contrário do dia anterior, a reportagem apresenta contraposição entre os discursos, inclusive não resumidas a representantes do Governo. Inicialmente, em seu *off*, o repórter toma como sua a dedução que “os alunos vão poder escolher o que querem estudar”, para em seguida uma fonte¹⁴ defender que “a maioria dos estudantes não aprende nada. Os estudantes ficam decorando e sem ver sentido naquilo que estão estudando”. Metaforicamente, é novamente um movimento de paráfrase ao discurso governamental usado para justificar a edição da MP. A sequência discursiva que encerra a reportagem, de Maria Helena Guimarães de Castro, secretária executiva do MEC, exemplifica a assertiva, com marcas discursivas pontuais: “seu projeto de vida”, “formação mais eletiva”, “ampliação gradual”.

SD3/R2- Ele pode compor o seu currículo de acordo com seu projeto de vida e de acordo com suas aspirações. Ela abre a possibilidade de uma formação mais eletiva, de acordo com os interesses dos alunos e ao mesmo tempo estabelece uma ampliação gradual da carga horária, evoluindo para o ensino médio tempo integral, gradativamente.

A terceira reportagem¹⁵ analisada foi veiculada quase cinco meses após, em 09/02/2017, e trata da aprovação da Medida Provisória no Senado Federal. A exemplo da primeira reportagem, as vozes apresentam-se como instrumentos para ratificar a

¹³ Fernando Almeida, pedagogo e professor da PUC-RJ.

¹⁴ Ricardo Henriques, Superintendente do Instituto Unibanco.

¹⁵ Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/5641480/>.

necessidade da reforma.

SD1/R3- Esse é o terceiro dia de aula dessa turma que acabou de entrar no ensino médio. Nos próximos três anos, eles terão que decidir qual o caminho que pretendem até chegar na universidade. Alguns já tem uma ideia do que não gostariam de estudar”.

SD2/R3- Ela tem como muito positivo a ideia da flexibilização, permitindo que opções dos jovens sejam exercidas nas suas escolhas, nos seus trajetos para concluir o ensino médio. Mas temos que tomar cuidado para que essa flexibilização não se transforme em um empobrecimento, numa diminuição dos direitos de aprendizagem do jovem brasileiro. Isso seria muito ruim para o Brasil. Nós temos que fazer a educação a altura, não apenas dele, do jovem brasileiro, mas do nosso país”.

Na Sequência Discursiva 1 e 2 desta matéria, no *off* do repórter, as marcas discursivas corroboram ideias: “alguns já tem uma ideia do que não gostariam de estudar” e “ela tem como muito positivo a ideia da flexibilização” trazem a estratégia de colocar o estudante como epicentro da reforma. Apesar da reportagem abordar a aprovação da MP, ela não traz o posicionamento de senadores sobre a Reforma.

Na última reportagem do *corpus* do presente estudo¹⁶, a estratégia de utilização de variadas fontes em raciocínios justapostos intensifica-se. Abordando a sanção, pela Presidência, da reforma do ensino médio, o produto jornalístico apresentado estrutura-se entrelaçado por conjunto de sequências discursivas que explicitam a formação discursiva¹⁷ predominante não só nesta última matéria, mas em todo o bloco de reportagens analisadas.

(SD1/R4): O Governo sancionou hoje a lei que institui a reforma do ensino médio. O número de horas vai aumentar e o aluno vai poder escolher uma parte do currículo.

(SD2/R4): Esse grupo do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública de Brasília concorda que **é preciso mudar**.

(SD3/R4): A gente vê que o ensino é o mesmo desde a década de 80, 90, e **as coisas precisam evoluir**, precisam de uma melhoria.

(SD4/R4): A gente vai abranger **um conteúdo maior** e, com o ensino técnico, a gente vai poder **estar mais preparado**, vai tomar uma base maior para conseguir arrumar um emprego.

(SD5/R4): O relator da reforma no senado afirma que **as mudanças representam um avanço**.

(SD6/R4): O Governo federal ele está priorizando as escolas com

¹⁶ Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/5659554/>.

¹⁷ Para Benetti (2016), é por meio das formações discursivas que podemos “reunir o que está disperso”, embora nucleado pelo mesmo sentido, ao longo de diversos textos.

menor IDH e com menor nota no Ideb. Isso significa também uma política social. Vai permitir que as escolas possam **oferecer melhores condições do que estão oferecendo atualmente.**

Ao todo, a reportagem reúne cinco fontes, além do jornalista, o que perfaz seis locutores. Contudo, haja vista as marcas discursivas que substanciam a única formação discursiva dominante, e tomando a figura do enunciador como a perspectiva a partir da qual se vê (BENETTI, 2016), percebe-se que os locutores estão na mesma posição de sujeito, complementando-se.

Em estudo no qual analisa o programa “Educação: Novos Rumos”, produzido e exibido pela TV Cultura, Brito (2018) evidencia também estratégias discursivas utilizadas em prol das práticas reformistas. Em suas conclusões, ela infere que “a aprovação da recente reforma do ensino médio contou com o apoio decisivo das diferentes mídias ao produzirem e colocarem em circulação um conjunto discursivo que, a um só tempo, decretavam a decadência da educação secundária no Brasil e elegiam o ‘novo ensino médio’ como a solução para o futuro da educação nacional” (BRITO, 2018). O funcionamento discursivo identificado é similar ao que observamos no conjunto de matérias do Jornal Nacional: o texto é essencialmente monofônico, apesar da presença de inúmeras fontes.

Ao tratarem a reforma curricular do ensino médio totalmente desvinculada das dimensões sociais, econômicas e culturais, os discursos midiáticos deixam de associar os processos de escolarização do direito à formação para o efetivo exercício da cidadania (BRITO, 2018). Embora separadas, as reportagens veiculadas no Jornal Nacional compõe um enredo só: com repetidas estratégias discursivas, buscam justificar a necessidade da Reforma através de um panorama da decadência do ensino médio e, concomitantemente, a necessidade de mudar a educação buscando torná-la compatível com pretensos anseios e desejos da juventude, através do argumento de que a reforma do ensino médio estaria causando “inquietações” em estudantes, famílias, escolas e educadores.

Considerações finais

De acordo com o demonstrado, percebe-se que o Jornal Nacional construiu um movimento de reiteração de um só sentido ao longo de uma série de sequências discursivas distribuídas em quatro reportagens entrelaçadas pelo tema da REM. Essa

circulação “*parafrásica*” tem seu embasamento em construções textuais aparentemente polifônicas, pois claramente constituídas por vozes diferentes, mas monofônica, constituída por um único enunciador, este tomado a partir do dizer de Benetti (2007) de enunciador identificado, na análise das vozes, como a perspectiva a partir da qual o enunciador enuncia.

Ainda que o raciocínio desenvolvido no presente estudo ratifique que “o telejornal é, antes de mais nada, o lugar onde se dão atos de enunciação a respeito dos eventos” (MACHADO, 2000, p. 102) e corrobore o que o mesmo autor infere de a mediação televisual aparecer como um fato da própria estruturante significativa, por outro lado desmistifica a defesa de que as vozes, dentro do discurso televisivo, existem “de forma mais ou menos autônoma e prescindindo de qualquer síntese global” (idem, p. 108); estão imbricadas em formações discursivas que endossam, por vezes, o mesmo discurso. Em contundente e clara reflexão, Silva (2007), afirma que:

A mídia é uma instância de mediação, sobretudo no que se refere à produção de sentido, tanto no nível da [...] publicação de um assunto, que passa a ser mediatizado, quanto ao nível de debate, de modo a fomentar o melhor processo de mediação, que é o estabelecimento de valores, atitudes e comportamentos. É quando se configura a passagem da esfera informacional para a esfera comunicacional, ou seja, as pessoas ‘informadas’ fazem um uso interativo e social da informação, alterando a sua própria conduta e agindo de maneira a transformar a realidade, individual ou coletivamente (idem, 2007, p.98).

No estudo das reportagens, contradizemos a arquitetura discursiva que justifica a assertiva de que um texto com muitas fontes é, via de regra, plural - a despeito da presença de variadas fontes entrevistadas, a formação discursiva era única. Além disso, restou evidente que o material veiculado no Jornal Nacional a respeito da mudança da organização educacional apresenta-se como um dispositivo jornalístico-argumentativo em favor da proposta de Reforma do Ensino Médio, reproduzindo ideais e discursos com consistentes intenções que espelham o momento brasileiro. Por fim, a partir de desvelamentos enunciativos, desvenda-se, como marcas ideológicas intrínsecas ao material jornalístico, a exaltação ao individualismo através de um louvor aos substantivos vocação e autonomia, e a recorrente alusão ao adjetivo novo como sinônimo para evolução.

Referências

BENITES, S. A. L. **Contando e fazendo a história: a citação no discurso jornalístico**. São Paulo: Arte&Ciência, 2002.

BENETTI, Márcia. Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (Orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 107-122.

BENETTI, Márcia. Análise de discurso como método de pesquisa em comunicação. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (Orgs.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. P.235-256.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRITO, Eliana Povoas Pereira Estrela. A produção da reforma do ensino médio nos discursos do programa “Educação: Novos Rumos”. **Olh@res**, Guarulhos, v. 6 , n. 1 , maio 2018. p.146-163.

ESPÍRITO SANTO, Patrícia. **O jornal impresso e a difusão da informação**. In: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/e-com/article/view/5577/5064>. Acessado em 30/09/2011.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) tv. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27882>. Acesso em: 12 jan. 2017.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Série Jornalismo e Rigor. V. 6. Florianópolis: Insular, 2012.

HERZ, Daniel. **A história secreta da Rede Globo**. Porto Alegre: Tchê!, 1986

LEÓN, Osvaldo. Para uma agenda social em comunicação. In: MORAES, Dênis de(org.). **Por uma outra comunicação**. Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 401-414.

LIMA, Alexandre Bonetti. **Considerações acerca da polissemia de sentidos em um Jornal Diário: um ensaio sobre a mídia impressa**. In: *Athenea Digital*, nº 13: p. 185-199, 2008. Disponível em <http://www.raco.cat/index.php/Athenea/article/viewFile/87574/112658>. Acessado em 06/10/2019.

LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.

MANHÃES, Eduardo. Análise do Discurso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 305-315.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis de(Org.). **Por uma outra comunicação**. Mídia, mundialização cultural

e poder. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 57-86.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 143-167.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs.). **O jornal: da forma ao sentido**. 2ªed. Brasília: UnB, 2002. p. 305-319.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. 2 ed. Brasília: UnB, 2002.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **A Apuração da Notícia: Métodos de Investigação na Imprensa**. Vozes: Petrópolis/RJ, 2006.

PIMENTEL, Álamo. Proselitismo pedagógico e conversão ideológica na reforma do ensino médio. **Revista e-Curriculum**, v. 17, n. 3, p. 1288-1311, 2019.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito além do jardim botânico**. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

SILVA, Luiz Martins da. Sociedade, Esfera Pública e Agendamento. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 84-104.